



Luxúria

O CORAÇÃO DELA FEZ UM PACTO COM O PRÓPRIO DIABO.

HELENA STEIN

LUXÚRIA

Eva era apenas uma garota que não encontrou a fé.

Uma alma perdida que vagou pelas sombras do mundo, fazendo o que fosse necessário para sobreviver. Até que o destino lhe estendeu a mão, e agora ela estava mais do que satisfeita em fazer um pacto com o diabo.

Conto para a Antologia de Halloween da Ed. PL
Lançamento: 2016

CAPÍTULO ÚNICO

Olhei para as minhas mãos manchadas de sangue e suspirei.

Não era incomum que, ao final de quase todas as noites, elas estivessem banhadas em vermelho. Quando você é apenas mais uma tentando sobreviver em uma realidade sedenta por esperança e amor, suas opções para continuar respirando são limitadas.

Em meu mundo, para continuar vivo, você precisava estar disposto a fazer o que fosse necessário e entre me prostituir ou matar, acabei ficando com a segunda opção.

Enfiei as mãos nos bolsos da minha jaqueta de couro e continuei caminhando pela calçada, a cabeça baixa e desviando das pessoas que pareciam alheias a qualquer coisa que não envolvesse sua bolha cor-de-rosa.

Eu as invejava. Gostaria de deitar minha cabeça no travesseiro com uma consciência tranquila, sem me preocupar com pesadelos ou com as minhas obrigações do dia seguinte. Ser a carrasca de cobranças de um perigoso agiota não era o que ambicionava normalmente uma garota de dezenove anos. Eu deveria ter me apaixonado no colegial, entrado para o grupo das líderes de torcida, beijado os rapazes do time de futebol e depois entrado em uma boa universidade para ser alguém importante e disposta a fazer a diferença.

No lugar disso, minha mãe descobrira que amava mais a bebida à sua única filha; nunca conheci meu pai e meu único meio de diversão era quando a vizinha do apartamento ao lado deixava a televisão ligada em um volume alto o suficiente para que eu pudesse ouvir o Discovery Chanel através da parede.

Quando eu tinha quatorze anos, minha mãe levava um novo namorado para casa. Não deveria ter me importado, já que ela mudava de homem com a mesma facilidade que acabava com uma garrafa de vodka. Mas no momento

que eu o vi entrando na sala como se fosse o rei daquele chiqueiro em que morávamos, eu soube que Billy Joe seria um problema. Talvez tivesse sido o modo ganancioso que seus olhos brilharam quando me viram, ou como seu pau parecera crescer dentro de sua calça jeans. Não levava muito tempo para que ele invadisse meu quarto à noite e tentasse fazer comigo o que fazia com a minha mãe. Contudo, diferente dela, eu sabia como me defender e sabia como impor o meu "não". Minha apreciação por facas deveria ter servido como aviso, mas o idiota decidira ignorar isso e arriscara a própria sorte.

Bem, a sorte o abandonara completamente quando tentou deslizar a mão por baixo do meu pijama, e eu reagi com uma ferocidade impressionante para alguém tão jovem ao cravar a faca em seu rosto, arrancando uma orelha e quase o fazendo perder um olho também.

Eu não deveria ter ficado surpresa quando minha mãe ficou ao lado do bastardo, acusando-me de tentar seduzi-lo; como se um cara cair em tentação não fosse motivo suficiente para culpá-lo também. Naquela mesma noite, descobri que, além da bebida, minha mãe também amava a anatomia masculina. Eu deveria estar em algum lugar naquela lista de preferências, talvez depois de cigarros ou da heroína.

Não foi difícil enfiar os meus poucos pertences dentro de uma sacola de supermercado e dar o fora daquele inferno. Eu estaria muito melhor em qualquer lugar do que ali. Levou alguns meses e muitas noites ao relento até que uma mão se estendesse em minha direção. Minha ingenuidade e carência por segurança fizeram-me agir mais rápido do que teria se tivesse pensado com a cabeça. Benitto Valdez não era um homem que brincava em serviço e, se ele lhe fez um convite para entrar em seu mundo, você precisava saber que as exigências para permanecer nele seriam altas.

Benitto exigiu de mim mais do que fizera com os seus outros capangas. Ele precisava de uma mulher forte, cruel, e atraente o suficiente para atrair seus inimigos como se fossem formigas encantadas por uma dose de mel. Eu não sei onde meu longo cabelo negro e olhos azuis poderiam ser úteis no quesito de beleza, mas meu corpo parecia funcionar muito bem como arma de sedução; e minhas tatuagens eram um acréscimo a mais para capturar a atenção masculina.

É claro que, ao me verem pela primeira vez, eles achavam que eu era alguma prostituta de luxo. Um detalhe que eu rapidamente fazia questão de corrigir quando os levava para um canto escuro e os acertava com minhas soqueiras de metal.

Eu era mortal, fria e sem uma única célula de piedade em meu sangue.

Uma assassina nata e uma cobradora de juros perfeita. Que homem recusaria a fantasia de sexo rápido em um beco escuro, com uma mulher usando jaqueta e saia de couro? Até hoje, nunca tive que correr atrás de nenhum devedor em um primeiro encontro, mas no segundo aviso de cobrança, a temática era diferente.

Minha mente estava começando a criar imagens de um chuveiro quente e sabonete, e esse plano apenas fez com que minhas pernas se movessem mais rápido. Vinte minutos depois, eu estava subindo as escadas para o meu apartamento e abrindo a porta com uma mão, enquanto tirava a jaqueta com a outra.

Quando tentei acender a luz da sala, o interruptor falhou. Pelo canto dos olhos, notei a faísca de um cigarro aceso e a fumaça se dissipando na escuridão ao lado da janela.

Levei menos de um segundo para reconhecer a força sombria que a presença daquele homem emanava, como faíscas de perigo que penetravam por todo o meu corpo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Esperando pela minha mulher — ele respondeu como se tivesse acabado de dizer algo óbvio. Eu podia sentir o sorriso em sua voz, como se fosse uma carícia predatória que me enviou uma corrente de arrepios.

Abri a boca para dar-lhe uma resposta atravessada quando, com um estalar de dedos, todo o meu apartamento foi iluminado por um mar de velas. Pisquei, tentando ajustar a visão após a repentina explosão de luz, então os foquei no homem sentado na poltrona no canto da sala, com um copo de uísque na mão.

Franzi o cenho.

— Esse é o meu uísque?

O rosto dele se iluminou com um sorriso malicioso.

— Um homem precisa relaxar depois de um dia exaustivo. E, como você ainda não tinha chegado para cuidar desse assunto, decidi que um Chivas poderia servir por enquanto.

— Gastei uma fortuna nesse uísque. Ele tem mais de cinquenta anos, não é para ser consumido como se fosse água.

Para me provocar, ele girou a bebida dentro do copo antes de engolir tudo em um único gole. A possibilidade de manchar minhas mãos com sangue novo me pareceu incrivelmente interessante naquele momento.

— Se idade é questão de qualidade, podemos começar a degustação, amor. Nós dois sabemos que sou muito mais velho do que essa bebida — ele sussurrou, apagando o cigarro no cinzeiro.

Balancei a cabeça e caminhei até o bastardo, pronta para jogá-lo pela janela.

— Vá para o inferno, Lúcifer.

O sorriso dele enviou um brilho divertido para os seus olhos escuros.

— Acabei de vir de lá, Eva.

Quando estendi a mão para tirar o copo dele, Lúcifer se levantou e agarrou meu punho. Nossos olhos se encontraram, os meus azuis contra os seus negros e letais. Seu toque era quente contra a minha pele, os longos dedos agarraram completamente o meu pulso em um gesto firme e possessivo.

Ele estava vestido todo de preto; um terno executivo de caimento perfeito, sem gravata e com os primeiros botões da camisa de seda abertos. Sua pele era de um tom bronzeado que apenas parecia mais escura quando entrava em contraste com a minha, muito mais pálida. Sempre tive a curiosidade de

saber se aquele tom surgira por causa das longas horas que ele passava no Inferno, condenando as almas ao tormento eterno, ou se era apenas mais uma de suas mil características hipnotizantes.

A beleza dele era pecaminosa, com longos cabelos negros e um físico tão tonificado e poderoso quanto uma rocha. Quando o invoquei, um ano atrás, eu estava preparada para encarar um demônio vermelho, com língua bifurcada, chifres e um longo rabo, não aquele monumento impressionante.

Lúcifer nunca escondera de mim quem ele realmente era: sombrio, mortal e com uma presença que poderia fazer os homens mais perigosos se encolherem. Ele era uma arma intimidadora, que apenas despertara a minha fascinação quando nos encontramos pela primeira vez; e, de todos os pecados capitais que eu poderia cometer, acabei escolhendo aquele que condenaria a minha alma.

— Solte-me! — exigi, orgulhosa por minha voz sair firme.

— Amor — ele disse, puxando-me contra seu peito, enquanto enlaçava minha cintura com o outro braço. — nós precisamos conversar.

— Tudo o que precisávamos dizer um ao outro, já foi dito na outra noite. — Ergui o queixo, rezando mentalmente para que minhas barreiras mentais não fraquejassem e ele visse dentro da minha mente toda a tristeza que começava a me consumir. — Isso não vai dar certo, Lúcifer.

— Nós temos um acordo.

— E eu aceitei os seus termos. Um ano e a validade desse acordo acabou. Eu tenho o poder e prestígio que sempre quis, e você teve o meu corpo.

— Você sabe que eu tenho muito mais do que isso — ele rosnou friamente, uma vibração perigosa em seu peito.

Sim, ele tinha muito mais. Eu era uma pecadora. Vendi a alma ao diabo, mas não estava preparada para perder o meu coração também. Infelizmente, foi exatamente o que aconteceu. Passei tantos anos sozinha e sem ninguém para cuidar de mim que, quando Lúcifer me abraçou pela primeira vez, a

criança desolada dentro de mim chorou silenciosamente. Sua força esmagou minha alma, transformando-a em fragmentos que ele recolheu ao longo dos meses, até que cada pedaço estivesse em seu domínio.

— Você é imortal — murmurei, finalmente permitindo que a toda a devastação da nossa separação refletisse em meus olhos.

O rosto dele suavizou.

— Então me deixe cuidar de você para sempre.

Eu queria rir, chorar, gritar, bater nele até que entendesse o que eu estava tentando dizer; mas a maior parte de mim queria apenas deixá-lo me abraçar e mergulhar em suas palavras, acreditar cegamente que tudo ficaria bem e que não havia enormes contras pairando em nosso relacionamento.

— Diga-me como isso que temos poderá dar certo?

— Bem, nós podemos começar com você ficando nua.

— Lúcifer, pelo amor de D...

— Não se atreva a terminar essa frase. Ele não tem nada a ver com isso — ele interrompeu, os olhos emitindo um aviso perigoso.

— Vamos manter as nossas roupas, por enquanto — eu disse, antes de passar a mão através do cabelo em um gesto nervoso. Foi então que reparei que minhas mãos ainda estavam sujas. — Preciso de um banho.

Ele ergueu uma sobrancelha, assumindo um ar de triunfo. Sua presunção a respeito de que eu estaria nua em questão de minutos, apenas me fez morder a língua para conter uma nova blasfêmia. Qual era a probabilidade de ele continuar lindo de morrer com um nariz quebrado?

— Permita-me ajudá-la, amor.

— Você fica aqui. — Apontei com veemência, afastando-me. — E fique longe do meu uísque.

Não lhe dei a chance de responder; apenas sorri diante de sua cara fechada e fechei a porta do banheiro. Rapidamente me desfiz das minhas roupas e liguei o chuveiro. Antes do vapor começar a borrar o espelho, encarei meu reflexo e fiz uma careta para os hematomas em minhas costelas e as esfoliações em meu ombro.

Um dos principais problemas de trabalhar para Benitto é que seus inimigos tornavam alvos qualquer um que fizesse parte de sua gangue. A merda sempre batia no ventilador quando alguns rivais apareciam de surpresa em meio a uma reunião com um dos nossos credores. Eu tinha um ponto positivo por ser magra e ágil, mas a força em meus punhos jamais poderia ser comparada à potência de um golpe vindo de um cara com o físico de um armário.

Naquela noite, vieram três para cima de mim.

Entretanto, nem mesmo eles, com seus músculos de aço, poderiam ser invencíveis contra a minha Magnum, calibre cinquenta. Para alguns, a cena que deixei naquele beco poderia ser um cenário perfeito para um filme de terror, para mim, era uma obra de arte com pedaços de cérebro, ossos e massa cinzenta colorindo uma parede.

Entrei sob a ducha e gemi de prazer quando a água quente bateu contra os meus machucados. Um rio de sangue deslizou por meu corpo e foi até o ralo à medida que eu ia tirando o sangue de mim. As juntas das minhas mãos estavam esfoladas. Iria doer pra cacete na próxima vez que tivesse que dar um soco em alguém.

Quando me dei por satisfeita na limpeza do meu corpo, dei atenção aos meus cabelos. Estava tirando o condicionador quando senti a presença dele às minhas costas, sua aparição sendo tão repentina quanto uma brisa no meio do calor do banheiro.

Tentei não estremecer quando Lúcifer delineou as asas negras tatuadas ao longo das minhas costas ou como suas mãos deslizaram pelo meu quadril, acariciando a imagem de uma flor tribal consumida por chamas. Ele me tocava como se estivesse sentindo a textura de uma porcelana delicada, com cuidado, adoração e amor.

Senti sua respiração na minha nuca quando ele deu um passo à frente, colando seu peito em minhas costas.

— Você os matou? — ele perguntou com uma frieza que teria feito meus ossos congelarem se tivesse sido destinada a mim. Não precisei perguntar ao que ele estava se referindo; mesmo que a tinta em minha pele fosse uma ótima camuflagem para os meus hematomas, nada passava pelos olhos atentos de Lúcifer.

— Sim.

— Bom. — Sua boca encostou em meu ombro ferido. — Vou cuidar das almas deles pessoalmente quando voltar ao submundo.

Submundo. A palavra ecoou em minha mente como uma marretada. Ele não era um homem que morava do outro lado do parque ou em algum apartamento de luxo no centro da cidade. Ele vinha de outra dimensão. Um lugar que muitos cristãos rezavam todas as noites para não serem sentenciados.

— Lúcifer... — comecei.

— Vai dar certo, Eva — ele murmurou contra a minha orelha. — Nós dois. Isso vai dar certo.

— Como?

— Irei garantir isso. — Em um movimento fluído, ele me virou e, automaticamente, o abracei pelo pescoço. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu em séculos. Não estou abrindo mão disso. Nem agora, nem nunca.

— Eu sou mortal.

— Detalhes — bufou.

— Não estou ficando mais jovem a cada dia, Lúcifer. Eu irei envelhecer, criar rugas, cabelo branco.

— E, então, você irá morrer — Lúcifer disse, apertando-me mais em seus braços. — Estarei te esperando do outro lado. Vou guiá-la pelos portões do meu reino e colocá-la no trono ao lado do meu.

Inclinei minha cabeça com um sorriso provocativo curvando o canto dos meus lábios.

— Como pode ter tanta certeza de que irei para o inferno?

— Amor, você jamais me desapontaria indo para o andar de cima. Nós dois sabemos que você é a maior fornecedora de almas do inferno atualmente. Acha mesmo que o menino do presépio irá recebê-la de braços abertos?

Dei de ombros.

— Eu ainda tenho tempo para trabalhar nas absolvições dos meus pecados.

Ele agarrou o meu cabelo em um punho apertado e puxou minha cabeça para trás. Sua boca pairou sobre a minha, seus olhos eram como um céu escuro sem estrelas, tomado apenas por trevas.

— Você fode com o próprio diabo todas as noites. É o meu nome que sai dessa sua boca linda quando você está gemendo e implorando por mais. Não se engane, Eva, não há uma única parte do seu corpo que eu já não tenha reivindicado como minha.

Meu coração acelerou, minha respiração ficou mais pesada e tudo o que pude fazer foi ficar ali, vendo o corpo dele crescer sobre o meu como uma muralha dominante que não permitiria que eu escapasse. Eu estava sob o poder de seus olhos, da sua aura protetora e de seus braços.

Eu era sua prisioneira.

— Nós estamos fazendo isso — sussurrei, finalmente cedendo a última parte que restava da minha alma.

Lúcifer apenas assentiu em uma explosão de satisfação contorcendo suas feições antes que sua boca tomasse a minha em um beijo profundo. Tornei-

me uma massa de modelar em suas mãos, enquanto sua língua percorria o interior da minha boca, exigindo, impondo seu ritmo.

— Peque comigo, Eva! — Lúcifer provocou, imprensando-me contra a parede do banheiro. — Seja o maior pecado da minha existência e permita que eu seja o seu.

Meus braços o agarraram com força, devido a minha própria necessidade de senti-lo criando labaredas que queimavam toda a minha pele. O puxei para mais perto, loucamente, precisando que ele se fundisse a mim e me tomasse.

Como se sentindo o meu desejo, Lúcifer me ergueu e preni as pernas em sua cintura para que meu corpo estivesse na altura certa para recebê-lo.

— Diga-me uma mentira, Eva — ele pediu, sua boca deslizando pelo meu maxilar até o meu pescoço. Seus dentes afundaram em minha pele, marcando-me. Um gemido escapou das minhas cordas vocais, enquanto minhas próprias unhas agarram a pele de seus ombros.

— Eu jamais serei sua.

O sorriso dele floresceu como um raio de luz, afastando a neblina da minha mente; então, percebi que eu também estava sorrindo.

A pura luxúria nos consumiu quando ele moveu o quadril, me acariciando com a ponta de seu pênis. Roçando, deslizando, consumindo.

Fechei os olhos e lancei a cabeça para trás, deliciando-me com aquela estimulação que todo o seu comprimento fazia sobre o meu clitóris. A cada fricção, meu coração parecia perder uma batida e a neblina em minha mente ficava mais densa, até que não restou mais nada além de explosões de prazer quando o meu primeiro orgasmo chegou, arrebatando-se por toda a minha coluna. Eu gritei, e Lúcifer rapidamente sufocou esse som com mais um beijo, sua língua bebendo de mim.

— Minha. Eternamente minha! — ele recitou, antes de cobrir minha bunda com suas mãos e penetrar-me. Ele não foi cuidadoso: apenas arremeteu-se dentro de mim com uma necessidade selvagem.

Não houve piedade nem tempo para acostumar-me com o seu tamanho. Meu corpo fora feito para recebê-lo, da mesma forma que ele fora criado para mim. Éramos peças quebradas que se encaixavam perfeitamente.

Seus impulsos eram intensos, imbatíveis. Nem mesmo se o céu se abrisse e um ataque de Arcanjos caísse sobre nós, Lúcifer teria interrompido sua reivindicação. O Apocalipse poderia esperar. Tudo o que queríamos naquele momento era comemorar a nossa união.

O coração dele batia com força contra o meu peito, a temperatura de seu corpo estava entrando em equilíbrio com a euforia. E eu precisava de mais.

— Nós vamos chegar lá — ele disse, impulsionando-se novamente para fora de mim, apenas para entrar em seguida, com mais força. — Quase lá.

— Eu te amo! — eu gritei, como uma prece eloquente e desesperada.

Seu corpo dentro do meu criava um laço que não tinha começo nem fim; dois amantes consumidos pela própria luxúria. Ele não era o Senhor do Submundo, e eu uma humana que matava por profissão. Não havia pecados, pesadelos ou preocupações. Apenas amor, desejo e paixão.

O segundo orgasmo veio em uma onda feroz, guiando-me completamente para a beira do abismo do qual fui lançada sem aviso. O grito de Lúcifer uniu-se ao meu quando gozou dentro de mim e minhas paredes internas o abraçaram com mais força.

Lentamente, minha respiração foi se tranquilizando. Uma mão ainda me manteve firme contra a parede, mas a outra rastejou pelas minhas coxas, até que repousou sobre o meu peito, onde meu coração batia desenfreadamente.

— Enquanto eu estiver aqui, estarei sempre com você. O tempo não é importante quando temos a eternidade.

Meus olhos lacrimejaram diante daquela promessa. Senti a criança dentro de mim finalmente sair de seu casulo protetor. Meus dedos se entrelaçaram nas pontas dos cabelos dele em um carinho quase infantil. Deitei minha cabeça em seu ombro e respirei fundo.

— Nós temos a eternidade, Lúcifer.

Fim